

REVISTA DE CABO VERDE

EDITOR RESPONSÁVEL
Abílio da Cruz Madeira

Director — L. LOFF DE VASCONCELLOS
S. Vicente de Cabo Verde

IMP. DE LIBANIO DA SILVA
R. do Norte, 91 — LISBOA

ASSIGNATURAS

De Junho proximo em diante (Pagamento adiantado)

PORTUGAL E ILHAS ADJACENTES

Anno..... 1\$200 — Semestre..... 700
Numero avulso..... 50

CABO VERDE, GUINÉ, ANGOLA E S. THOMÉ

Anno..... 2\$500 — Semestre..... 1\$400
Numero avulso..... 120

OUTRAS POSSESSÕES PORTUGUEZAS

Anno..... 2\$800 — Semestre..... 1\$700

ANNUNCIOS
Contracto especial

EXPEDIENTE

Fica definitivamente estabelecida a saída quinzenal da «REVISTA DE CABO VERDE» e assim somos forçados a fazer uma pequena alteração nas condições da assignatura, insertas no supplemento ao n.º 5, pelas que vão acima, esperando que os nossos obsequiosos assignantes darão por suficientemente justificado este nosso procedimento.

Em compensação daremos um numero especial illustrado no fim de cada semestre.

REFORMAS NO ULTRAMAR

Já foram apresentados, pelo sr ministro da marinha, á camara dos deputados, o relatorio, propostas de lei e documentos relativos ás provincias ultramarinas.

Diz o sr. ministro, no seu relatorio:

«Para que as colonias se desenvolvam e prosperem são indispensaveis bons funcionarios, bons colonos e boas leis.

Para valorisar o nosso dominio ultramarino faz-se mister atrahir o capital, crear empresas agricolas e commerciaes. E' grave erro suppôr que simplesmente com braços e audacia se vence nas colonias.

A questão dos capitaes sobreleva a todas as outras. Procurar, pois, facilital-os, em boas condições, ao agricultor, ao industrial, ao commerciante, é empenho em que disveladamente, devem lidar os que teem a seu cargo a administração ultramarina.

Precisamos de iniciar os indigenas nas artes manuaes, ir-lhes ensinando gradualmente os processos aperfeiçoados de cultura do solo, de modo a convertel-os, para proveito nosso, em agentes productores».

Revela s. ex.ª n'esta pequena parte do seu relatorio um conhecimento profundo e vasto das necessidades coloniaes, e, se como é de esperar, todas as propostas apresentadas por s. ex.ª obtiverem a sanção das côrtes, pode-se dizer que as nossas colonias vão entrar n'um verdadeiro caminho de prosperidade e desenvolvimento moral e material.

Eis a enumeração d'algumas d'essas propostas:

— Reorganisação da secretaria de estado dos negocios da marinha e ultramar.

— Reorganisação dos serviços de obras publicas das possessões ultramarinas.

— Reorganisação das forças militares ultramarinas.

— Colonisação.

— Trabalho dos indigenas.

— Serviços agronomicos nas provincias ultramarinas.

— Auxilio do estado á agricultura das provincias ultramarinas.

— Fomento industrial das colonias.

— Viacão em S. Thomé e Principe.

— Imposto sobre o alcool em Angola.

— Caminho de ferro de Benguela.

— Caminho de ferro de Cabinda.

— Construcção e exploração das obras do porto de Lourenço Marques.

— Navegação para a costa oriental de Africa e para a India.

— Recenseamento geral da população nas colonias.

Quanto a Cabo Verde não apresentou s. ex.ª ainda propostas especiaes, porque, diz, on as suas mais instantes necessidades são attendidas nas propostas de interesse geral, ou dependem ainda de elementos de estudos que já ordenou se fizessem, mas que ainda não tem convenientemente apurados.

Sendo como são excepcionalissimas as condições da provincia de Cabo Verde, a colonia mais proxima da metropole e aquella em que o indigena, relativamente ás outras, está mais civilisado, especialissimas são tambem as reformas de que esta carece no seu regimem economico e administrativo — uma d'ellas, a nosso vêr, de grande alcance politico e administrativo, seria, como ja o disse Oliveira Martins e outros, fazer entrar Cabo Verde no regimem das ilhas adjacentes: Madeira e Açores, e depois proteger o desenvolvimento da sua agricultura, commercio e industria.

Cabo Verde é uma colonia no estado de maturação completa, como muito bem o disse o dr. Quirino de Jezus, illustre director da revista *Portugal em Africa*.

Com muito pouco estudo e locubrações, se podia attender de prompto á sua reorganisação administrativa e economica, desenvencilhando-o de algumas péias que o atrophiam ainda.

A mudança da capital para a cidade do Mindello, de S. Vicente, a dotação de alguns melhoramentos de que ella carece, são factores que muito deveriam concorrer tambem para guindar Cabo Verde á altura em que deve estar.

QUESTÃO DA MUDANÇA DA CAPITAL

A mudança da capital para a ilha de S. Vicente, ha-de, estamos quasi convencidos, resolver todos os problemas que interessam ao progresso e ao desenvolvimento da provincia!

A arborisação do archipelago, a abertura de estra-

das, o saneamento das povoações deixarão de ser um mytho;— as chuvas cahirão regulares, a abundancia virá saciar este povo exausto pelas continuas crises e, tudo isto, porque a capital se mudará para a cidade do Mindello, que augmentará de importancia com este chrisma!

O alto functionalismo e as fardas agaloadas, chamarão ali mais a navegação, augmentando os renditos do Estado e fazendo de S. Vicente um emporio, que offuscará o movimento commercial de Antuerpia, Amsterdam ou Londres!

A questão é magna e de primordial importancia, e custa a crer como o governo até hoje a não abordou, pesando bem os beneficios que d'essa medida podiam derivar!

Parece-nos que será perder tempo discutir mais uma vez o velho thema de mudança da capital, debatido já sufficientemente n'outras epochas e tornando-se, por isso, anachronico.

No entretanto algumas palavras diremos para que não fique sem resposta o artigo, aliás primorosamente escripto, mas falto de fundamento, que a *Revista* publicou no seu n.º 4.

Reconhecida a conveniencia da mudança da capital, como ali se affirma, não o está e nunca o esteve, porque nunca passou de uma utopia. Veio á tela da discussão, por vezes, degladiando-se as vantagens e inconveniencias de tal medida; mas sem tomar nunca uma feição de iniciativa governativa, para se estudar a fundo questão de tal importancia.

Pouco falta, diz-se, para que S. Vicente seja oficialmente a capital! Bastará mudar os archivos e desalojar os funcionarios, porque no Mindello está tudo preparado para os receber!

Mas onde estão as repartições publicas para os accomodar?

Não importa. Faz-se a mutação de scena como n'uma magica: — carrega-se n'um bolão e tudo mudou!

Em S. Vicente está o Futuro á espera do functionalismo, á espera de romper a velha rotina; na Praia vive o anachronismo, o progresso á antiga portugueza, com todas as suas marchas de carangueijo!

N'este ponto podemos affirmar que S. Vicente não pôde moral e intellectualmente hombraear com a cidade da Praia. Era preciso varrer esta insinuação mal cabida.

A pomposa descripção da estranha feira cosmopolita, das ruas atulhadas de gente de todas as côres e nacionalidades, está em completo desaccordo com o sr. José Dias, que nos descreve a cidade habitada das oito horas da noite em diante só por cães vadios!

Onde está pois a animação d'essa moderna Bombaim?

O verdadeiro futuro de Cabo Verde, — é preciso que nos convençamos —, está ligado á sua agricultura, que carece, é facto, de protecção e incitamento; e onde está o seu melhor campo d'acção é na ilha de S. Thiago, a maior, a mais populosa e a mais rica do archipelago.

Se se cobrirem de cafeaes todos os terrenos proprios, que se desdobram para cima das altitudes de 500 e 600 metros, S. Thiago terá uma importancia agricola quasi igual á de S. Thomé se, a par com o augmento das plantações se tratar a sério da arborisação, para modificar as condições meteorologicas do archipelago.

Nos ultimos dezoito annos, tendo sido reconhecida a vantagem da plantação do café sobre a da canna saccharina, a exportação d'este producto augmentou progressivamente de valor, desde 80 até 170 contos de réis.

Essas plantações continuam e é de esperar, se tomarem maior incremento, que dupliquem, em pouco tempo, o valor actual da sua exportação.

N'estas condições não haverá navegação nem imposto carvoeiro, que lhe iguale o rendimento.

Não pôde ser capital de uma provincia uma ilha arida, quasi deserta no interior, que não tem agua potavel capaz, que tudo importa de suas irmãs e que em questão de salubridade pouco se avanta á ilha de S. Thiago actualmente, embora se queira sustentar o contrario.

Não é, por certo, tambem o commercio do Mindello que possa influir para uma tal medida, porque esse commercio se limita a uma população de 6:562 habitantes, ao passo que o de S. Thiago abrange uma população de 63:423 almas.

A exportação das duas ilhas é assim representada em 1896:

S. Thiago	214:050\$986
S. Vicente.....	44:009\$152

E note se que esta ultima cifra não é exportação de productos originarios de S. Vicente, porque esta ilha nada produz: são generos vindos d'outras ilhas, que d'ali são depois exportados para o Reino ou para o estrangeiro.

Se os apologistas da mudança da capital para S. Vicente entrarem n'uma discussão séria, e se adduzirem argumentos que demonstrem quaesquer vantagens que possam advir para a cidade do Mindello e, principalmente para a provincia em geral, entraremos francamente n'essa discussão: do contrario não valerá alargar mais as considerações que, ao correr da penna, ahi deixamos escriptas, porque, como diz o illustre collega no seu artigo, «*time is money*».

A.

A QUESTÃO DO MILHO

A portaria provincial n.º 156, de 11 de junho de 1892, determinando — como determinou — que o milho importado no archipelago fôsse considerado legume e portanto isento de direitos, preveniu graves calamidades, que se dariam na provincia — se tal lei não estivesse em vigor ao tempo das ultimas medonhas crises que temos atravessado.

Ultimamente acaba de apparecer a portaria provincial n.º 76 de 7 de março do corrente anno, que declara o milho importado não considerado como legume e sujeito a direitos.

A lei de 1892 é, portanto, revogada.

O direito sobre o dito genero é o estabelecido no art. 21 da pauta A em vigor, para os productos alimenticios não especificados. Ou sejam 150 réis por kilo de milho. Ou seja completa prohibição d'importação d'esse genero. Uma vez sabido, que o milho produzido nas ilhas mal chegará para o consumo dos habitantes, a ponto que em maio ou junho, segundo se diz, haverá carestia e carencia d'este genero; se se considerar que os resultados, que então podem advir, são da ordem d'aquellas coisas a que se não pôde acudir com remedios d'ocasião; visto isso, e considerando-se que o milho é o genero de maior necessidade em Cabo Verde; por outro lado, se attendermos a que os negociantes fortes da Provincia, os que em taes conjuncturas levam a parte do leão, podem, uma vez desapparecida a probabilidade de concorrência, carregar a mão sobre o povo, e que n'esta ilha

da Boavista já se começou a verificar tal resultado — aumento de preço no milho; concluindo-se, alfm, de razões taes, que a importação livre d'esse genero era providencia de primeira plana a bem do publico, forçoso é lamentar que nma tal lei fôsse completamente contrariada, — pois que d'ahi resultará proveito, apenas, para os que puderem monopolisar o milho, com pesadissimo prejuizo do povo a quem o venderão como quizerem, visto que — repetimos — cessa toda e qual-quer concorrência.

Ao ex.^{mo} chefe da Provincia solicitamos a devida venia para lhe pedirmos em seguida a suspensão da dita portaria, baseada nas razões atraz mencionadas e em muitas outras que, por superfluas, omittimos. Dê-nos sua excellencia licença para lhe significar que a hypotese da saída para a metropole do milho importado não é provavel, porque não o consentiriam as enormes despezas, que taes resoluções reclamariam, sabido de mais a mais que o milho, que n'esta provincia se importa, é unicamente destinado ao consumo, e além d'isso de facil verificação seria a saída do milho exotico.

Fiados estão todos em que sua excellencia attenderá a pedidos taes, mormente quando é intuitivo que brevemente é o que ha-de succeder, quando exgottado o modesto celloiro da Provincia.

A questão da *cachupa* é para nós, os caboverdeanos, de summa importancia; e, portanto, reclamamos a livre importação do milho na esperança de sermos attendidos, — como é de justiça.

Consta-nos, que o commercio e o povo da Bôavista vão dirigir a sua excellencia uma representação pedindo a annullação da citada portaria.

Tudo leva a crer, que serão attendidos.

JOSÉ LOPES DA SILVA.

A LEPROSA EM S. ANTÃO

Consta-nos estar lavrando na ilha de S. Antão, com grande intensidade, esta doença, de que em S. Vicente se observou já dois casos.

Chamamos a attenção dos poderes competentes para mandar estudar este mal, antes que elle se alastre em toda a provinciã, e tome maiores desenvolvimentos na ilha de S. Antão.

Crêmos bem que esta ilha, que depois da de S. Thiago, é a mais rica e prospera do archipelago, merece bem que se olhe por ella com solicitude.

Damos em seguida publicidade a uma carta que a este respeito nos foi dirigida pelo sr. Manuel J. Tolentino, na qual este cavalheiro nos informa desenvolvidamente, sobre o grave caso de que se trata.

Eil-a:

Sr. director da *Revista de Cabo Verde*.—Tenho lido com interesse a *Revista de Cabo Verde*, de que v. é director, e muito me tem agradado, quando não pelos assumptos importantês de que vem cheia, — ao menos por vir encher uma lacuna na nossã provincia — a certeza de termos um órgão advogando os nossos interesses; isto é já um pouco consolador.

No seu programma faz notar que o papel principal da *Revista* é patrocinar os interesses geraes.

Pois bem, sr. director, é abeirando-me d'este tópico do seu programma que levo ao conhecimento de v. um facto pavoroso que se está dando n'esta ilha, que talvez não tenha passado despercebido ás aucloridades, mas em relação ao qual, nada se tem feito que

dê a medida da sua gravidade pelos horrores futuros que pode trazer.

Trata-se de um mal, o qual não ousamos baptisal-o com este ou com aquelle nome, porque isto só pertence aos homens da sciencia.

Elle ganha terreno de anno para anno e parece-nos da cathegoria d'aquelles cujas victimas são, ainda que pêsse ao coração humano, isoladas do resto da população.

No emtanto tem-se visto alguem affectado do mal de que se trata, entrar em tabernas e servir-se das mesmas vasilhas de que se servem os saos. Que horror!

V. não poderia dar uma noticia na sua *Revista*, tendente a chamar a attenção dos poderes competentes para este ponto?

Seria muito de louvar, porque não só satisfaria ao ponto principal do seu programma — interesses geraes, — como tambem viria trazer, a tempo, remedio a um mal que, decorridos muitos annos, só a fogo se poderá extirpar.

O povo sem poder ligar-lhe os horrores de que pode ser causa, dá-lhe boçalmente o nome de morphéa; porém entendemos que isto é da competencia exclusiva dos homens profissionaes.

Dizemos boçalmente porque, com lhe dar esse nome, não lhe retira o contacto.

Segundo nos consta, propaga-se com força no Baboso, Ribeira da Cruz e em muitos outros pontos da ilha.

Em todo o caso, é uma duvida que paira sobre os habitantes d'esta terra, de que precisam ser libertados.

Sou com consideração de v. , etc.— *Manuel J. Tolentino*.

FOMENTO COLONIAL

Resposta ás 3 questões da Circular, expedida do Ministério da Marinha e Ultramar em 29 de septembro de 1898

Á 1.^a: *Quaes são os géneros colonias, cuja producção mais convem protegêr nas provincias ultramarinas, e especialmente nas provincias africanas?*

1.^o— Algodão (branco e ganga): É tão extraordinário nas colónias o consumo de tecidos de algodão, crus ou branqueados, russos, tintos ou estampados, que só elle constitue uma fonte de riqueza. A maior parte dos algodões, porem, é importado do estrangeiro e principalmente da America. Os americanos pôdem vendêr em Cabo-Vêrde tecidos d'algodão por preço mais barato do que Portugal os pôde vendêr na fábrica. Mas se Portugal desenvolvêr nas colónias a cultura do algodão e importár d'ellas, em vez do estrangeiro, a matéria prima, que ellas pôdem fornecer com difficil competencia tanto na qualidade como na quantidade, o preço dos tecidos portuguezes poderá entrár em competencia franca com a importação estrangeira, e esta cederá immediatamente á nacional. Deve pois sêr este o principal ramo do commercio colonial portuguez.

Em Cabo-Vêrde é indigena o algodoeiro, e cultiva-se de duas espécies: branco (*Gorsipium arboreum*) e côr de ganga (amarêllo) (*G. herbaceum*), vegetando com facilidade até nas ilhas mais estêreis, como são a Bôavista, Máio, S. Vicente e Santa Luzia.

Em 1891, Portugal importou 1:211 contos do Brazil e 272 contos da America do Norte, enquanto que da Angóla só importou 17 contos d'algodão em rama

e em carvão. Dos 1:189 contos de tecidos de algodão enviados para a Angola em 1891, só pertenciam à indústria nacional fazendas no valor de 21 contos.

N'esse mesmo anno Portugal importou, para o consumo interno, tecidos de algodão no valor de 3:063 contos e reexportou artigos similares para as colónias no valor de 1:290 contos; a industria nacional tem, pois, a margem approximada de 4:362 contos para desenvolver o fabrico dos tecidos de algodão. Um hectare d'algodão póde produzir de 500 a 1000 kilogrammas.

No discurso da coroa, do presente anno, fez allusão a este importante ramo commercial o Chêfe do Estado.

2.º — Bombardeira: Produz um tecido intermediário entre o algodão e a seda. Tem hoje grande consumo nos mercados estrangeiros e vive espontaneamente em Cabo-Vêrde, como o algodão e a *pileira* ou *carrapateira* (da espécie *agave* do Mexico (linho de *Sisal*), onde este producto constitue uma das maiores fontes de riqueza, como logo veremos. A bombardeira é chamada tambem kapok, sumama e *lá vegetal*. Alem de ser bom pasto, é uma riqueza, que brota espontaneamente da terra, sem cultivo algum. É pena que os caboverdeanos não conhecem o alto valor desta planta que prospera em todos os terrenos, como a purgueira e a *freira* (ou trepadeira silvestre, que cobre as nossas rochas e encostas, onde não ha cultura).

3.º — *Piteira* (*ágave rigida*), chamada *carrapate* em algumas ilhas, e *Linho de Sisal*, como é designada a fibra das folhas desta planta nos mercados europeus. As fibras são empregadas para tecer panno fino, e no fabrico de papel de luxo; e as de peor qualidade servem para tecer panno, linhagem, papel, cordas, cabos, barbantes, etc. Uma planta bem desenvolvida póde produzir mais de 40 folhas por anno, rendendo, approximadamente, 1\$500 réis annuaes.

Esta planta seria uma das melhores a aconselhar para cultivar nas nossas colónias, onde principalmente, houver poucas chuvas e o solo for arenoso ou calcareo. É tão importante esta planta que o valor da exportação de Yucatan (Mexico) em 1883 foi de 658:000 libras sterlingas! Em 1878, foi de dez milhões de kilogrammas, e triplicou em 1884.

O principal mercado d'este linho é New-York; de 1 de janeiro de 1882 a 1 de julho de 1884, importou 317:000 bálas. A Europa tambem importou grande porção d'este linho. No mesmo periodo, Liverpool importou 23:875 bálas; Londres 14:545 bálas; Hamburgo 11:013 bálas; Havre 6:771 bálas. Outras praças americanas receberão este linho, como New-Orleans 6:401 bálas; Philadelphia 7:150 bálas; Boston 6:791 bálas. Em Yucatan calculão o rendimento d'esta planta pela forma seguinte: em 576 varas, quadradas pótem-se plantar 64 plantas. Estas dão em média 1:600 folhas ou 48 kilogrammas de fibras, que podem valer 6\$000 réis.

A industria portugueza poderá igualmente garantir este producto, fomentando a sua cultura, que é rudimentar.

4.º — (Plantas oleaginosas) — *Purgueira*, é bem conhecida a utilidade do pinhão da purga, de que se extrahê o *oleo de purgueira*, para o fabrico de velas e sabão, e cujos residuos são empregados no Reino como adubo agrícola. Originária das Antilhas, é medianamente cultivada em Cabo-Vêrde, e um pouco menos na Guiné, Angola e Moçambique.

Em Cabo-Vêrde, a exportação annual da purgueira elêva-se a mais de 210:000\$000 réis.

As sementes contêm uma percentagem de 30 a 40 por cento de oleo.

A purgueira de Cabo-Vêrde tem bom mercado em Marselha, como diz M.^o Jeanney: *Pour le moment ce sont les îles du Cap Vert qui envoient à Marseille leur provision de graines oléagineuses.* — no seu livro *Ce que produisent Nos Colonies (1896)*.

Ali é especialmente empregado o oleo da purgueira na industria do sabão.

5.º — (Plantas tintureiras) — *Anil*: abunda espontaneamente n'esta provincia, mas este rico producto tintureiro, não passa aqui de méras applicações rudimentares, sendo conveniente protegê-la com uma fabrica adequada. São as colónias inglesas; e sobretudo as Indias, que abastecem os mercados francezes. Podem as colónias portuguezas compellar com as inglesas neste importante producto tintureiro.

6.º — (Plantas economicas) — *Canna saccharina* (para o assúcar). É rica de assúcar, e produz aqui tanto no regadio, onde melhor prospera, como no sequeiro, a uma altitude de mais de 800 metros. O fabrico do assúcar, para refinação e exportação, daria muita prosperidade ás colónias e á metrópole, sendo bem protegido e estimulado, tanto como onerada de impostos a fabricação de aguardente, que, se é producto rico, mais prejudica o progresso moral da colónia do que favorece o commercio.

Favorecer o assúcar e onerar a aguardente, para combater o alcoolismo e diminuir a importação de assúcar estrangeiro.

Em Cabo-Vêrde há materia prima para o assúcar, podendo-se cultivar tambem a *beterraba*, e há bastantes ossos para a refinação. A cultura da canna saccharina está decadente, em virtude do terrivel inimigo que a devasta (o *canêllo*, que é o *bórer tórtrix saccharifaga* — *Petit*, de que teremos occasião de fallar em trabalho de maior folego, para a Exposição universal de 1900).

7.º — Tabaco — Producto rico entre os mais ricos, que Portugal póde explorar nesta provincia, que o possui da melhor qualidade (*nicotiana tabacum*) pois é sabido que o clima de Cabo-Vêrde está debaixo da mesma linha isothérmica das Antilhas, para a produção e qualidade do tabaco.

O tabaco, se bem que prejudicial á saúde, é hoje o ramo commercial de maior consumo e riqueza.

8.º — Café — O café de Cabo-Vêrde é hoje bem conhecido; alguns o classificão superior ao de Moka, como foi proclamado, sem contestação, em 1895, no 6.º congresso internacional geographico de Londres.

A melhor protecção que se póde dispensar a este producto é não permittir que se misture o café de regadio com o de sequeiro, nem, e principalmente, o verde ou o máu, com o maduro ou bom. A fiscalização do negócio não seria difficil, dès que as Camaras municipaes e as auctoridades administrativas, unidas em um só impulso do bem pelo nosso crédito agrícola e commercial, fôsem superiormente ordenadas e estimuladas a cumprir tal dever.

É um negócio de capital importancia, sendo o nosso café classificado, aqui e no Exterior, como todos os generos, de 1.º, 2.º e 3.º qualidade.

9.º — Borracha. Cacau e Seda — São agricolamente desconhecidos em Cabo-Vêrde estes três productos, que figurão entre os mais lucrativos. Introduzilos aqui, portanto, seria de grande alcance, aproveitando as diversas zonas agricolas das ilhas maiores, como St. Iago, St. Antão, S. Nicolau e Fôgo, e dando occupações a muitos moços e velhos, com a industria da seda, tão facil, como rica. Não tem menor importancia a cultura do chá, que produz bem, como já vi, na ilha de St. Antão.

10.º—Palmeiras — Alem de convir extraordinariamente á arborisação da provincia, fornece a palmeira matéria prima textil de primeira ordem, matéria para tinturaria, chapelaria, etc. O coqueiro e a palmeira ordinária fornecem matéria prima a muitas industrias e occupaões domésticas. E nas ilhas onde ha muito sal, como Boavista, Sal e Máio, seria uma fortuna a plantação de vastos palmáres, o que traria a vantagem remota de favorecer a humidade, e por isso a regularização das chuvas. As palmeiras dão óleo, alimento, refrêscos (superiôr á cerveja), córdas, chapéus, balaios, madeira, cobertura de casas, lenha, etc.

É, portanto, um producto rico, que deve ser estimulado e protegido.

11.º—Entre as plantas oleaginosas, têmo ainda, o ricino, ou palma-christi, a que chamamos *bufareira*, — e a mancárria.

O óleo da bufareira usado aqui para o cabéllo, com um preço aliás bem cáro (600 réis a garráfa), e nas boticas para purgantes (óleo de ricino), — é empregado na industria do sabão, como um dos ingredientes mais preciosos.

Mas é despresada a sua cultura, produzindo aliás espontaneamente em toda a parte.

A mancárria é utilissima. O seu óleo substitue o azeite doce nos usos ordinários.

Impórta-se muita mancárria da Guiné para vender aos canécos nas lojas, comendo-as os rapazes, mesmo cruas. Produz onde produz a batáta doce, que é o pão do póbre.

O óleo da mancárria empréga-se na saboaria. A mancárria chama-se tambem amendoim, mendobi, ginguba, (*arachis hypogaea*, L.).

É producto que deve ser estimulado em Cabo-Verde pois, alem de facil cultura, é de grande importancia económica e commercial.

Os productos alimenticios e medicinaes reclamão especial attenção.

(Continúa).

REFORMAS

Ha muitos annos que não assistiamos a uma tão estrondosa e extraordinaria exhibição de projectos de medidas, providencias e reformas, apresentados uns apóz outros, com tanta coragem, patriotismo e acerto, por parte de um governo constitucional, cujo regimen e politica, tanto teem decahido no conceito e na confiança do povo.

O Altruismo levou de avançada o Egoismo dos partidos politicos governantes de Portugal; a tibiesia, a hesitação, cederam o logar ao arrojo, á firmeza; a oppressão aos fracos, está sendo opposta por medidas de mais puro e humanitario sentimento; a opinião do paiz, finalmente, começa a ser mais comprehendida, acatada e respeitada.

E era tempo já! Só pelo ministerio da justiça, além de muitas medidas boas já decretadas, tenciona o respectivo Ministro apresentar as seguintes propostas de lei:

- Creando a assistencia judiciaria aos indigentes.
- Regularisando o ingresso dos magistrados judiciaes do ultramar nos tribunaes do continente.
- Estabelecendo o limite de idade para a magistratura judicial.
- Codigo das fallencias.
- Regulando o provimento dos beneficios ecclesiasticos.
- Reforma do notariado e tabelliado.

- Organisação de correições judiciaes.
- Revisão do código do processo commercial.
- Reforma eleitoral.
- Reforma administrativa.
- Modificações ao regimen da instrucção primaria e secundaria.
- Lei de imprensa.
- Organisação dos serviços medico-legaes.
- Código do processo criminal.
- Reforma do registo criminal.

Repetimos nunca assistimos a um plano de reformas, de mais incontestavel utilidade e transcendencia.

A vastidão, e profundesa d'esses planos collocam o sr. Ministro da justiça entre os nossos homens politicos mais prestimosos do Paiz.

Por parte do Ministerio da Marinha, muito se tem feito tambem.

E hoje que a frente dos destinos da Nação, temos homens que sabem cumprir a sua missão, lembraremos que Cabo Verde está necessitando tambem de immediatas reformas na sua organisação administrativa e judicial e de melhoramentos inadiaveis, — para nos assegurar contra ignobeis pretensões das Nações, que formaram o plano da partilha da Africa, e oppôr formal desmentido aos que apregõam que Portugal não sabe colonisar.

El-as :

— Passar a provincia de Cabo Verde á categoria de *ilhas adjacentes*, com o regimen da Madeira e Açores, uniformisando a sua organisação administrativa com a da Metropole, e decretando medidas especiaes tendentes a proteger a sua agricultura, commercio e industria.

— Mudar a capital para a cidade do Mindello, de S. Vicente, creando ali uma comarca.

— Creação de um sanatorio na Ilha Brava, ou em S. Antão.

— Prohibição da exportação do milho tanto do paiz, como do exotico, e isentar de direitos a importação d'este. Tornar extensiva a Cabo Verde, quando fór decretada, a lei da assistencia judiciaria.

— Creação de um lyceu, cujos exames sejam válidos no reino, aproveitando-se os elementos existentes no seminario-lyceu, estabelecido na Ilha de S. Nicolau.

— Creação de uma escola de artes e officios, na cidade do Mindello, e uma de nautica, na Ilha Brava.

— Subsídio a um vapor pequeno, empregado exclusivamente na navegação inter-insular.

— Prohibição da pesca do coral nos mares do archipelago, a empresas estrangeiras.

— Arborisação da provincia.

— Reforma na sua administração fazendaria e aduaneira.

— Liberdade bancaria.

S. Vicente.

SILVA CAMPOS.

A VIDA DE PORTUGAL E DAS SUAS COLONIAS

(Continuado do n.º 3)

O problema colonial a resolver, será o futuro de Portugal. O seu estudo e a sua resolução é, no momento actual, bastante difficil.

O sr. conselheiro Eduardo Villaça, activo ministro da marinha, parece que toma todo o interesse pela

salvação das colónias e estuda, segundo, dizem, um desenvolvido plano de administração, que cortará pela raiz os abusos inveterados que teem aniquillado o progresso colonial.

E' de imperiosa urgencia que todos nós nos occupemos na resolução do grande problema, pois d'elle dependerá a nossa independencia nacional.

Todas as nações populosas tratam de adquirir colónias ou, se já as possuem, de as desenvolver o mais possível.

A raça branca, que tanto se tem multiplicado n'este seculo, hade, forçosamente, estender-se pelo continente negro, porque as suas terras nativas não darão fructo sufficiente para sustentar a grande raça desenvolvida, isto, sem duvida, devido aos progressos da sciencia medica, que tanto tem tratado da cura das enfermidades da humanidade.

A hygiene, a therapeutica, a pathologia e a cirurgia, não é a mesma que era a dos seculos passados. O seu estudo tem subido d'uma fôrma maravilhosa, e ao lado do estudo, da sciencia e do progresso crescerá a humanidade, a ponto de povoar as terras virgens, que servem de pasto aos animaes silvestres.

Vejamus como a população da Europa cresceu n'este seculo, a saber:

Em 1801 a população dos estados da Europa era de 175 milhões de habitantes; em 1840 de 250 milhões; em 1886 de 349 milhões e em 1897 de 372 milhões. A progressão de 1801 a 1897, é representada pelos numeros respectivos de 100, 143, 198 e 210, das quatro epochas citadas.

A colonisação é, para os povos europeus, uma necessidade absoluta, que se impõe pelo augmento de população.

Como todos sabem, os Estados Unidos da America do Norte eram uma colonia ingleza, que se tornou independente como o nosso Brazil, devido ao crescimento da sua população e do seu desenvolvimento moral e material; assim ha-de acontecer a todas as colónias que chegarem ao grau de perfeição e de desenvolvimento, e aquellas que não se desenvolverem serão tomadas pelas nações ricas e populosas, e temos á vista o exemplo da Hespanha com os Estados Unidos.

Os Estados Unidos tratam de preparar os terrenos para os seus habitantes futuros, quasi como um instincto de conservação, pois da fôrma que tem crescido a população d'aquelles Estados, não decorreriam muitos annos sem que todos vissem acanhados e com falta de alimento, apparecendo uma vida de penuria; por isso, os seus homens de estado, tratam de adquirir colónias para sustentar um povo, que augmenta d'anno para anno d'uma fôrma estupenda. E senão, vejamos:

A população dos Estados Unidos era, em 1800, de 53.000.000 habitantes; em 1840, de 17 milhões; em 1870, de 38 milhões; em 1880, de 50 milhões; e em 1898, de 70 milhões.

Por aqui se vê que, quando fôr d'aqui a 50 annos, o sólo d'aquella republica não produziria o pão de cada dia para tanta gente. O crescimento é espantoso, portanto, não admira que os americanos trabalhem já em alargar o seu dominio por onde pudérem.

As nações pequenas é que darão terrenos, ou por bem ou por mal, ás nações potentosas.

Os Estados Unidos tomaram conta da maior parte das colónias hespanholas, por meio da força, ficando a Hespanha abatida, desacreditada e pobre, sem que nação alguma, grande ou pequena, por ella tomasse parte.

A neutralidade de todas as nações durante a guerra com a America, demonstrou bem o desprezo que to-

dos lhe deitaram. Assim acontecerá a Portugal se se envolver em guerra com uma nação populosa e rica.

E' preciso que os politicos, os homens do estado, reparem bem nos erros da visinha Hespanha, que, por tantos annos, foi uma tyranna, uma despresadora das suas colónias, fazendo com que os seus habitantes se levantassem de braço armado contra o barbarismo e a oppressão dos governos da monarchia hespanhola, que pagou bem caro os seus desatinos.

Os colonos hespanhões eram só considerados como servos e contribuintes, a mãe patria negava-lhes a instrucção dos seus filhos, a protecção á sua agricultura, a garantia ao seu commercio, emfim, o palladio da sua liberdade e independencia.

Tudo lhes negou, confiada talvez na sua fraqueza, no que se enganou, como viu o mundo inteiro.

Nunca a politica dos Estados Unidos, a sua força, o seu poder entraria nas tristes colónias de Hespanha, se esta não tyranisasse tanto os seus indigenas; elles nunca seriam inimigos da mãe patria, se ella olhasse por ellès, os attendesse nas suas necessidades e lhes dessem garantia de socego e paz. Mas não, a Hespanha só dava para os seus colonos e desprezo do cidadão; codigos penaes contendo punições crueis; auctoridades barbaras e sanguinolentas, fortalezas, calabouços e a força!

Ora, com estes mimos nenhum ser humano, dotado de juizo, pode ser obediente a quem tão mal pratique.

Este quadro, exposto no fim do seculo XIX, á vista dos homens que governam, que fazem leis, que applicam castigos e que defendem as instituições antigas, é a quem deve merecer a maior attenção, porque são d'esses homens que depende a paz e a guerra, a independencia e a liberdade.

Como o nosso fim é provar, por factos e exemplos, que as colónias das nações pequenas mal governadas, serão tomadas pelas nações ricas e populosas, sem resistencia dos seus naturaes, porque estes perdendo de todo a esperanza dos beneficios e da protecção dos governos centraes, irão para onde melhor lhes convier, é para este ponto que nós chamamos a attenção dos ministros da corôa de Portugal, para volverem os seus olhos por um momento para os nossos dominios d'aquem mar.

Que todos tenham em vista esta parte do relatorio do excelso fallecido ministro da marinha, Rebello da Silva, apresentado ás côrtes em 25 de abril de 1870.

Diz assim:

«Os dilatados territorios, que constituem as provincias ultramarinas, não só representam as memorias gloriosas de conquista e de colonisação, que as uniram á corôa portugueza, como encerram em si valiosos elementos de riqueza e prosperidade, hão de assegurar-lhes dentro de poucos annos e á metropole largos e solidos desenvolvimentos».

São decorridos 29 annos que aquelle portuguez illustre, que aquelle ministro laureado por tantos feitos gloriosos, a quem as provincias ultramarinas devem mais, e os desenvolvimentos e riquezas que elle imaginou, ainda não appareceram, nem nunca apparecerão, porque o systema de colonisação e administração não mudou, ainda é o mesmo, com muito pouca differença, do que era no tempo do sabio ministro.

Portugal e as colónias perderam muitissimo com a morte de Rebello da Silva, pois, se elle tivesse vida, teria levado a fim a sua obra de colonisação, e por certo, as terras d'aquem mar, seriam fontes de riqueza para si e para a metropole, e não teria esta passado pela vergonha financeira que tem passado nas praças da Inglaterra, da França e da Allemanha, não tendo a

palavra dos nossos estadistas o credito e valor que tinha ainda no tempo de Fontes de Mello, epocha em que principiou a decadencia de Portugal.

Quando o valoroso estadista morreu, já a patria portugueza estava empenhadissima á Inglaterra, e com a falta d'este estadista a divida augmentou mais, conseguindo-se que as praças da França e da Allemanha se tornassem credoras de Portugal.

Assim aconteceu, mas o credito teve limites, aquellas nações por vezes teem negado dinheiro aos ministros da coroa portugueza, pedindo lhes hypothecas por qualquer quantia que queiram tomar.

Na verdade, andam bem os estrangeiros em negarem os seus dinheiros a quem não se sabe governar.

E noté-se, que esse limite de credito, é o que tem tido mão em nós não estarmos já em poder de outras nações.

Se houvesse credito como até ao governo de Fontes, a ambição de governar devia ser muito maior, porque cada ministerio tomava um emprestimo, para terem os tantos por cento que a lei feita por elles lhes dava, assim enriqueciam em pouco tempo, e sem suor; emprestimos e mais emprestimos, era a mania dos nossos governantes; não se lembraram do futuro, o que elles queriam era dinheiro, desse o que desse.

Miseraveis, tinham o amor da patria, a sua liberdade e independencia no estomago.

Os estrangeiros sabem perfeitamente dos nossos feitos, da nossa lesa-administração, por isso é que nos retiraram o credito, e fizeram muito bem, o povo portuguez deve-lhes estar grato, porque, se o credito continuasse como ha 15 annos, a divida seria hoje cem vezes maior, e seria impossivel pagal-a, porque não chegaria todo o torrão portuguez para a pagar.

Hoje a nossa divida é grande, mas ainda assim está garantida, e se houvesse bom senso governativo, podia ser paga, sem empobrecer Portugal.

Mas não ha esse bom senso, não ha um criterio patriotico para evitar tetricos acontecimentos, que se darão na corrente de corrupção que lavra nos cerebros de quem nos governa.

(Continúa).

BORLIDO MARTINS.

AD PETENDUM SENSUM

Tão grande copia de reformas para o ultramar, em tão curto espaço de tempo e com tão desastrosos resultados, em parte alguma do mundo se vê, como n'este felicissimo paiz de uvas e de tanços.

Todos os dias, leis novas vêm substituir leis não velhas de idade, porem, avelhentados pelo descredito em que, por faltas de criterio, por desamoldadas dos objectos sobre que reflectem, por desaccommodadas do meio em que vão exercer acção, se tornam absurdas e condemnaveis.

E, com tal leviandade, n'uma tal lufa-lufa, essas reformas se succedem que, não só aquelles desgraçados cujo dever é entendel-as e cumpri-las, consomem o melhor do seu tempo em conjugar artigos, em adivinhar ommissões e em preencher-lhes as lacunas, como constituem ellas, em si, a causa de muitos outros transtornos, os quaes, em que pese a assalariados paladinos, accentuam as tortuosidades caracteristicas dos negocios publicos do ultramar.

Animosidades e proselytismos ridiculos, rompem, a cada passo, a unidade que deve ser a força dos traba-

lhadores da causa publica; e a indifferença, a frieza, a falta de camaradagem, a vaidade ignorante, a absoluta ausencia de lealdade, a absoluta carencia de principios de honra e cavalheirismo, o odio mesmo, algumas vezes, mas esse rasteiro odio de impotente, que se escuda nos mandos, e que está dando, a algumas repartições, um ar de asetteiradas casas da Corsega, em tempos de *vendetta*, — empestam a atmospheria official e lançam a desordem em todos os ramos do serviço publico,

Conflictos e questiúnculas, são as mais graves preoccupações dos sarrafaes; e, uma boa parte do tempo que devera ser empregado na resolução de questões d'alcance economico, dedicam-n'a os discolos, com o maximo cuidado, com a mais meticulosa attenção, á preparação arditosa dos lances de chicana, n'esse jogo de descredito official, tão em voga e de tão tristes resultados!

Todas as armas servem, todos os meios são bons: lança-se mão da calunnia, do anonymato; pucha-se da traição como d'uma faca; e a discordia arrasta a sua cauda inflammada até junto dos altares, onde todas as miserias devem dar lugar ás dulcissimas e consoladoras ideias que, ainda, a despeito da corrupção, nos elevam muito acima do chavascal...

Tudo são indignidades, ciladas, cousas vergonhosas, cousas immundas!

Por conclusão, o Capitolio para o que atira do alto e a rocha Tarpeia para o que serve de alvo.

Convencel os, aos kalifas, do proprio erro, isso nem á mão de Deus Padre.

Tudo sabem, tudo preveem, tudo julgam remediar.

Em pontos de infallibilidade roçam pelas tiaras.

São illuminados.

O Espirito Santo, em linguas de fogo, — em linguas de viboras, — baixa sobre elles.

(Engravidam pelos ouvidos e vão dizer, depois, que aquillo é obra do tal espirito santo...)

Tambem quanto a lealdade do jogo, não se pode fazer uma idéa d'isto...

Uma esgrima meio calabreza, meio mandinga. Jogo gentio.

Quando Luiz Medina o rijo gladiador, o character incorruptivel, cahiu de bôrco, houve quem, alli mesmo, sob os dolorosos olhares d'uma viuva e quatro filhos, se dessedentasse no seu cadaver.

Quando Heitor d'Azevedo, Carmo Azevedo, Moreira e outros, sacrificados pela philancia d'um governador, cahiram, os papeis de Bissau mutilaram-lhes os cadaveres. Jogo gentio; identicos escrupulos; processos egualissimos.

E' para isso, com o fim d'arranjar lenha para essas fogueiras, com o intuito de cercear todas as liberdades, de protejer arbitrariedades, que, em vez de o procedimento de cada qual ser regulado pelas leis, são as leis que se amoldam ao procedimento de cada qual.

Assim as arbitrariedades, authorisadas, campeiam e respiram na mais torpe e criminosa impunidade.

Mas o que se hade fazer para acabar com isto, me pergunta um amigo ingenuo?

— O que se hade fazer para acabar com isto? lhe respondo; — Uma cousa muito simples:

Deixar correr o marfim. Porque sei que a intenção e nada fazer;

Porque sei que todo esse abespinhamento, à porta do correio, em dia de vapor, não passa de palavriado; Porque sei que a Dignidade, também vae, de noute, pela sombra, a tremer, bater em certas cavernas, e dizer muito de manso o seu *Sesamo, abre-te!*

E, finalmente, porque sei muitas outras cousas que, por enquanto, não digo.

Ou então, se absolutamente quizerem fazer alguma cousa, façam o seguinte:

Como a sciencia Sullys e Pombaes já nada tem a fazer com esse putrido organismo a esphacellar-se, a cair aos bocados. apeguem-se à religião, a suprema consolação, a ultima taboia a que se agarra o naufrago, essa luz de que o bandido se lembra só no dia da partida: nas grandes calamidades, nas terríveis sêccas que vos têm açoutado, saíeis, em procissões, entoando cantos, *ad petendam pluviam*; os transes são agora mais apertadas e a religião não vos nega e seu apoio; ide, todo o povo, todo o clero, psalmejar pelas ruas, pelos campos, *ad petendum sensum*...

E. TAVARES.

PAROCHOS

Das mãos do virtuoso e respeitavel Prelado de Cabo Verde acaba de saber uma importantissima pastoral, onde entre outras cousas Sua Ex.^a Rev.^{ma} põe em relevo as supersticiosas praticas, que deslustram o sublime culto catholico na ilha de S. Thiago.

Sua Ex.^a Rev.^{ma} analisa mui particularmente as chamadas *tabancas*, que são a manifestação mais typica d'esses barbaros costumes de misturar o divino com o profano, que têm os habitantes da classe plebeia de S. Thiago.

Herdados do paganismo, já era tempo de estarem completamente banidos taes abusos, indignos de povos lavados pelas aguas do baptismo, povos que sem embargo são christãos.

Para que isso, porém, se tivesse realisado de ha muito tempo a esta data, era mister que das auctoridades religiosa e civil livessem dimanado empenhos, sem os quaes nada se poderá conseguir. O Venerando Prelado confessa-o com magua, e ponto que solta um brado de indignação, mesmo contra alguns sacerdotes que—parece incrível—concorrem para a manutenção de tão selvagens comunidades, que não ficam atraz dos eroticos mysterios do Paganismo na explosão das suas bestiaes celebrações.

E' vergonha para a Igreja, a que temos a ventura de pertencer, e para o governo, a continuação de taes sacrilegios—que outro nome não merecem.

Sua Ex.^a Rev.^{ma} deu o exemplo de combate contra elles, abrindo na alludida pastoral uma utilissima campanha e convidando os homens sensatos a cooperarem com elle n'este sentido.

Permitta Sua Ex.^a Rev.^{ma} que lhe testemunhemos o nosso prazer por tão feliz resolução.

Os altos personagens como Sua Ex.^a Rev.^{ma} não chegam—infelizmente—muitas vezes a ter conhecimento de factos importantissimos, como aquelles, porque nem sempre a verdade é contada nua e clara, como deve ser, aos Grandes.

Vê-se, porém, que Sua Ex.^a Rev.^a está bem infor-

mado das desordens moraes, que assignalam tristemente a mais populosa e importante ilha de Cabo Verde.

Francamente clerical, porque me impõe esse partido a religião que professo, mais as suas leis, lembro respeitosamente a Sua Ex.^a Rev.^{ma} alguns alvitres tendentes a dar melhor orientação á influencia da Igreja contra taes e tão barbaros costumes, se ó que as minhas humildes opiniões para alguma coisa servem.

O primeiro passo a dar é a escolha de sacerdotes verdadeiramente religiosos para desempenhar os logares de parochos, retirando todos aquelles que se não recommendem por suas virtudes e zelo apostolico.

E' sabido, que nem todos os sacerdotes, que ora estão á testa das differentes fregezas da Diocese, possuem o cunho religioso, que deve ser o primeiro distinctivo do bom padre. E não é para admitir qualquer estranheza, porque em nenhuma entidade como no sacerdote se requerem tantas virtudes. Um bom padre é uma consolação infinita que encontramos sobre a terra, onde tudo é finito.

Não admira, portanto, que seja difficil haver um grande numero de apóstolos n'estas condições em tão acanhada Diocese. Todavia, Sua Ex.^a Rev.^{ma} tem valentes soldados, que pôde mandar a extirpar de tantas pobres almas tão estupidos costumes, tão desgraçados prejuizos, sacerdotes dos quaes muito se poderia esperar, muitissimo, em tão *Santa Cruzada*.

Tento mesmo lembrar a Sua Ex.^a Rev.^{ma} alguns nomes como os dos Reverendos Padres Porphyrio Pereira Tavares, Antonio Manuel da Costa Teixeira, Domingos Augusto Rodrigues, Antonio Duarte da Graça, Luiz Loff Nogueira, Julio José Delgado, Antão, fóra quaesquer outros que não conheça. Estou certo de que taes sacerdotes, uma vez destinados—principalmente—a irem pôr côbro a taes supertições conseguiriam alguma coisa.

E, de futuro, animar a educação religiosa de todos que se dediquem ao sacerdocio, para que os resultados obtidos continuem sempre pelos que sôrem sncceder aos primeiros. Ora, isto importa muito ao bem espirital, moral e social d'aquella ilha de que vamos tratando.

E' por estes e outros motivos que n'outro logar advogo a ideia do estabelecimento de missões no Ultramar, tornando-as extensivas a Cabo Verde, onde ha muita falta de religião, onde não ha educação religiosa. Porque, verdade, verdade, sômos na grande maioria christãos unicamente de nome. Isto equivale a dizer que não temos religião.

Precisamos, pois, de sacerdotes que saibam pôr-se no seu logar e preencher o sublime fim da sua missão.

A segunda cousa a fazer-se é alcançar do governo a maxima protecção, para que a sua efficaz cooperação contribua para a consecução do fim proposto. Sim, é fazendo luz nas camadas inferiores da Sociedade que se enxergarão os brilhantes e as estrumeiras... Obedecemos a Victor Hugo, que manda alumiar a sociedade pela parte de baixo. Onde a cruz não conseguir victorias, nada mais as poderá conseguir. Mande, pois, o Senhor Bispo, sacerdotes escolhidos para S. Thiago, e queira Sua Ex.^a Rev.^{ma} pensar, que a regular transferencia de parochos seria de grande utilidade a muitos respeitoos.

Taes são os modestos e despretenciosos alvitres, que nos inspirou a leitura da magnifica Pastoral, com um exemplar da qual Sua Ex.^a Rev.^{ma} nos honrou, pelo que agradecemos peuhorado ao mesmo Venerando

Prelado, fazendo votos ardentes para que se realizem os desejos de Sua Ex.^a Rev.^{ma}.

Assim, oxalá, possamos um dia vêr banidas de S. Thiago e outras ilhas varias praticas supersticiosas, que existem, e que são indignas de um povo tão bom como é, incontestavelmente, o de Cabo Verde.

JOSÉ LOPES DA SILVA.

OS UTEIS E OS INUTEIS

É este um assumpto a abordar que tem, confessamos, alguns espinhos e abrolhos. Apesar d'isso a nossa consciencia diz-nos, persistentemente: — ávante!

Ha entre o funcionalismo duas classes distinctas: a dos uteis e dos inuteis; os que produzem e os que nada fazem. Não fallaremos dos intermedios, os mediocres.

Abundam mais, infelizmente, no ultramar os segundos em todos os ramos da publica administração, e é esta uma das causas principaes do atrazo das colonias.

Essa classe assimelha-se ás sanguessugas, que sugam os orçamentos e nada produzem.

N'ella, uns sobrecarregam os outros; alguns, devido a altas protecções, não vão ás repartições, e, a maior parte, o que é ainda peor, prejudicam os interesses publicos e os do proprio estado. Na instrucção publica, principalmente, é onde esses caucros do funcionalismo são mais prejudiciaes, pois que ahí não vão prejudicar interesses, não vão ferir direitos, vão fazer muito peor, vão atrophiar as intelligencias nascentes, com a sua incompetencia ou com o seu abandono pelos sagrados deveres do magisterio.

Ao par e ao lado d'esses vêem-se outros, trabalhadores e modestos, mas vivendo na obscuridade.

Quantos funcionarios se vê-m por ahí, mal pagos, vegetando apenas, trabalhando assiduamente, sem a importancia d'outros empavonados, porque a sua modestia e o seu feitio se não amoldam para louvamiuhos e para rapa-pês!

São esses os burros do trabalho, os que produzem, mas de quem os serviços não são conhecidos nas altas regiões, onde a barreira dos impertigados só deixa passar a adulação.

São como essas infatigaveis obreiras — as abelhas — que fazem o mel sem o brilho do sol, ás escuras, como envergonhadas do seu labor, que muitas vezes é aproveitado pelos zangões!

E, como ellas, quantas altas incapacidades temos nós visto pavonear-se com trabalhos em que só, inconscientemente, puzeram a sua assignatura!

É para esses párias do funcionalismo que nós queremos que se olhasse com mais alguma benevolencia e se lhes recompensasse o labor e a modestia, visto que não lhes soffre o animo, andar apregoando pelas esquinas, pelos cafés e pelos bilhares os seus serviços e os seus trabalhos, como outros fazem, que se louvam a si proprios e que, por fim, conseguem, por esses e outros meios, chamar a attenção sobre si e, ainda, obter veneras ou pingues gratificações!

É para esses párias do funcionalismo que alguns impertigados, — balofas intelligencias e provadas incompetencias — olham com ar de protecção, e dizem: São applicados!

Praia.

CARNET DE LA BRONE.

MELHORAMENTOS PUBLICOS NA CAPITAL

Bem disposta sobre um planalto, entre os montes que a circumdam, a cidade da Praia, capital da Provincia, apresenta um bom aspecto vista do mar. As suas espaçosas ruas, bem alinhadas e desembocando em espaçosas praças, alegam a vista do visitante.

Ha, porém, um melhoramento a introduzir nas grandes praças e largos, que tem sido o ideal de muita gente, já discutido, mas que ainda se não levou a effeito, ou por falta de uma iniciativa forte, ou por mal entendidas razões da sua pouco facil realisação.

Refiro-me ao ajardinamento e arborisação d'esses logares, onde só é possível passear-se antes de erguido, ou depois de posto, o sol, porque este, em dias descobertos, é insupportavel e vem, com o reflexo dos predios, augmentar o calor e ferir a vista.

Diz-se que o vento constante e forte nos mezes de janeiro a março é inimigo para as plantas e flôres delicadas, que não pôde vencer-se. Ninguém conseguiria effectivamente fazer vingar, por muito tempo, n'esses logares os cravos, as rosas e as margaridas, nem o clima e a qualidade do terreno deixariam nascer as dahlias, as violetas, os amôres perfeitos e outras plantas delicadas; mas poderia conseguir-se, com pouco trabalho, fazer talhões, com terra vegetal dos arredores da cidade, onde, com plantas vivazes e ordinarias do paiz, se ergueriam montes de verdura e de flôres como a *sempre noiva* e as *zinas*.

Com o *bouganville* e o *jasmim*, que resistem ao clima e ao vento, se cobririam caramauchões, onde uma boa sombra convidaria os passeantes ao descanso de alguns minutos.

A arborisação com a *accacia rubra* daria boa sombra e agradaria á vista quando coberta com as suas folhas vermelhas.

As arvores que se teem escolhido para arborisar a cidade são as menos aconselhadas. Além de rachiticas não offerecem sombra alguma nem embellezam as magnificas praças da cidade.

Fazer primeiro grandes viveiros em boas condições e transplantar depois os arbustos, já com um crescimento rasoavel, para caldeiras espaçosas e com terra vegetal será o meio de obter-se uma regular arborisação.

Ahí ficam essas indicações e lembranças. Que as aproveite quem quizer e poder e com isso se prestará um bom serviço á cidade da Praia.

A.

ARBORISAÇÃO

Sem vegetação, nada de chuvas;
sem chuvas, nada de vegetação.

No pequenino communicado, «As crises alimenticias no archipelago de Cabo Verde» publicado no n.º 5 da Revista, affirmamos que uma das principaes causas das crises agricolas, que, tão amiudadamente, flagellam o archipelago, provém da falta de arborisação. E se a provincia se acha quasi completamente despida de arvoredo, tanto na área cultivada, como nos montados, apezar de numerosas providencias do governo sobre esta importante questião d'arborisação, — manancial inexaurível de riqueza e de saúde — é devido mais ao desleixo de alguns e falta de cumprimento de deveres de muitos, que aos cuidados do governo.

Não é um panegyrico officioso que tecemos ao go-

verno, quer o da metropole, quer o da provincia: é uma verdade que os principios eternos da justiça pedem que se diga. Como tambem não deixaremos de patentear aqui, que a ignorancia mal intencionada do povo, muito mais que o descuido dos executores, tem, em parte, falseado os resultados dos nossos pequenos tentames de arvorejamento da rica possessão Cabo-Verdeama.

Todos sabem quão difficil é convencer o povo da utilidade de plantar arvores. E, para se obter esse convencimento, é indispensavel, é urgente, é inadiavel, que façamos propaganda dos beneficos effeitos da vegetação e dos damnos resultantes da sua falta.

A arborisação em Cabo Verde torna-se uma questão vital, que requer o mais circumspecto cuidado, visto serem as arvores o unico meio até hoje conhecido de, até certo ponto, evitar a terrivel calamidade da fome, accrescendo ainda a sensivel escassez de combustivel, que se nota dia a dia, para os nossos usos domesticos.

Desenvolvida, pois, a arborisação, desapparecerá aquella calamidade tão fatal a todos os habitantes; evitar-se-hão as seccas extraordinarias, das quaes provém a fome, e será tambem de grande proficuidade considerado pelo lado hygienico.

São tudo vantagens positivas a esperar. E a bondade dos resultados ha-de ser generosa paga dos trabalhos e cuidados.

Foi por meio de plantação d'arvores que os colonos do Cabo de Boa Esperança chegaram a defender as suas colheitas dos furacões horribes que de tempos a tempos devastam o paiz. A Sardenha e a Sicilia, terras celebres pela sua fertilidade e belleza de vegetação, que outr'ora foram os colleiros da Italia, sofferam do erro de destruir suas florestas.—As grandes seccas da Hungria são attribuidas á falta das florestas que antigamente alli havia. No Baixo Egypto, sabe-se que rarisimas vezes chovia; mas desde que se mandou plantar 30 milhões de arvores o paiz gosa annualmente de 30 a 40 dias de chuva.

Imitemos pois o exemplo dos povos que melhormente têm tratado de vencer a ingratição dos solos que cultivam e modificar a athmospehira que respiram.

Vençamos a reluctancia do povo em sacrificar á arborisação o terreno em que lançam a batata; ponhamos termo ao vandalismo de cortar arvores para combustivel; e tratemos de estudar, quaes as arvores que podem mais rapidamente dar-se com o nosso clima e desenvolver-se nas nossas ilhas.

Nos littoraes, os tamarindos dão-se maravilhosamente assim como coqueiros e tamareiras. E nos terrenos altos as acacias rubra e Martins têm apresentado bellos especimens. Quem n'esta materia maior autoridade tem, pôde apresentar a solução d'esse problema que se liga, talvez, com o futuro do archipelago.

Nós, se abordamos estas questões, é simplesmente para dar estímulo. Fazemol o, pouco entendendo d'ellas, animando a fazel-as aquelles que mais idoneos são. Brava.

PEDRO ROGERIO LEITE.

TELHADOS DE VIDRO

É uma grande verdade aquella do apherismo que diz, que ás vezes reparamos nós outros o que não emendamos em nós mesmos.

Ora, não devemos deixar nunca de aproveitar o ensejo de nos corrigirmos dos nossos defeitos.

Somos mesmo obrigados a isso pelos principios da moral christã.

Por exemplo: — Bradamos em altas vozes contra o governo, algumas vezes, porque deixou de obrar assim ou assado, como se diz no bom calão burguez; porque sabiu uma portaria indiscreta; porque um aulico qualquer triumphou do povo em beneficio proprio; porque um tal requerimento nos foi indeferido; porque tal emprego nos foi recusado; porque fomos preteridos n'uma dada cousa; porque fulano apanhou um logar, que podiamos occupar melhor, etc., etc., etc.

Isso dá-se frequentemente, ou todos os dias e a todos os momentos, e em todos os paizes do mundo. Não quero avançar, que não tenha razão quem assim procede. Não me é permittido adivinhar os sentimentos de ninguem.

A nossa administração está eivada d'erros, estamos — nós, as ilhas — n'uma decadencia extraordinaria, — mas, verdade se diga, em parte somos co-réos d'esses crimes contra a Patria.

O governo não é obrigado a fazer tudo, porque ha coisas que devem correr de nossa conta.

Não temos, os caboverdeanos, um partido fixo, definido; não possuimos uma sociedade, sequer, destinada a fins uteis ao publico; não existe entre nós o espirito indispensavel de confraternidade; não temos em politica uma confissão de fé, commungando uma grande parte da provincia em ideias heterogeneas; não existe o espirito das iniciativas, porque, em que nos peze, a confiança não nos liga; não somos persistentes em qualquer modo de vida, como cumpria que fossemos; não temos uma orientação commercial vasta como, me parece, podiamos ter; não ligamos á agricultura importancia alguma; queremos que os professores ensinem quanto podem e não mandamos os filhos á escola; e, assim por diante, ha muita coisa que podiamos fazer e não fazemos.

E o que significa isso? — que temos tambem as nossas pechas, que temos tambem os nossos *telhados de vidro*; — e o que vale é que não são do numero d'aquelles, que nos inibem de atirar pedras aos dos vizinhos. Porque pelo facto de termos os nossos defeitos, não devemos deixar de castigar os erros do governo, quando preciso.

Precisamos de pôr de parte essas mazellas. Purifiquemo-nos no rio d'uma nova vida. Façamos da nossa parte tudo quanto nos fór possivel para o progresso do archipelago.

Sejamos os primeiros a dar exemplo. Custa muito combater os nossos vicios inveterados? Coragem! Abracemos resolutos a cruz da redempção, porque o futuro dos nossos posterios cobrirá de bençãos as nossas campas.

Acordemos o porvir. Madruguemos para o dia de amanhã. Não semeemos os dentes de Cadmo nos nossos quintaes. Não nos despedacemos uns aos outros em luctas estereis, porque a peor de todas as guerras é a guerra surda das competencias, das invejas, das tyrannias: — guerra de que ambos os exercitos saem vencidos quasi sempre, e exhaustos.

Sim. Temos tambem as nossas baldas. Ora, para progredirmos é preciso primeiro abdicar-as.

Uma das coisas que nos matam é a maldita rotina. Exemplifiquemos: —ahi está S. Nicolau, onde não se faz senão plantar mandioca; canna saccharina e banana. Depois é o milho, o feijão, a batateira, etc. E d'ahi não passa! Que mudem as culturas, agora que a canna está atacada do parasita que a destroe. Variem,

alternem; façam experiências. Não abandonem tudo ao Deus dará, porque saber trabalhar é saber pedir a Deus. Ponham de parte a maldita rotina, e os resultados serão melhores do que têm sido. Já que o governo não pensa em arborisar devida e apropriadamente a provincia, mettam purgueira por esses montes fóra, com o que modificarão muito, cedo ou tarde, as intemperies já do tempo, já da pobreza.

O que se dá com a minha ilha, dá-se com quasi todas as outras.

Na Boa Vista, onde o gado constitue a principal fonte de riqueza, pode-se tambem ensaiar outras industrias. Tirante o gafanhão, a agricultura é muito praticavel. O annil, o cortume, as fabricas de conservas de peixe, por exemplo, são coisas possiveis. No entanto, nada se tem feito no sentido de pôr em pratica essas e outras industrias.

Ahi estão Santo Antão e S. Thiago, com vastos terrenos por explorar e com outros tantos por serem cultivados melhor.

Para amostra basta. Temos, pelo que se vê, muito que fazer em nossa casa sem intervenção de ninguem, temos.

Os nossos avós pensavam ou, pelo menos, pensaram mal; e, se não queremos que os nossos filhos venham algum dia a dizer o mesmo de nós, o remedio é simples: — pensemos bem!

Não deixemos tudo abandonado á esperanza de que as mãos do futuro nos virão chegar o alimento á bôca; façamos da nossa parte o muito que podemos fazer, e devemos, na cruzada bendita de crear á nossa terra um feliz porvir; convençamo-nos de que em muita coisa somos cúmplices do governo e quiçá mais culpados; e lembremo-nos sempre — para nossa utilidade — de que temos tambem *telhados de vidro*.

JOSÉ LOPES DA SILVA.

REMEDIOS

Venho aqui deixar a sincera expressão da minha admiração pelo desassombro e coragem, com que o sr. Borlido Martins, ahi no supplemento ao n.º 3 d'esta Revista, nos receita, — para debellar os males que arrastam o nosso velho Portugal á vergonha das liquidacões fraudulentas, — uns poucos de remedios tão efficazes, consoante os attestados da historia, quão caros para as debilitadas posses da nossa coragem.

Em tempos como estes que atravessamos, escrever aquillo que o sr. Borlido Martins escreveu e assignou, equivale a atirar-se de cabeça aos mais terriveis perigos; não só esse dos ferros d'el-rei, pois que o sr. Borlido falla, sediciosamente, de *creação de novos regimens*, como ess'outro da risota parvoa dos cynicos entendidos na póda, pois que, o sr. Borlido, cabe em aconselhar cousas absolutamente impraticaveis entre nós, utopias irrisorias, ingenuidades archaicas, taes como justiça, dignidade, economia, moralidade, trabalho, honra, imparcialidade, decóro, juizo, responsabilidades a ministros, a juizes, criterio na escolha dos governadores, etc., etc.

Ah, meu caro sr. Borlido!

Não estar eu junto de v. ex.ª, para o segurar pelas abas do frack, no momento em que v. ex.ª se atirou ao precipicio de assignar semelhautes *cousas*.

Ignorava v. ex.ª que, n'este paiz, quem quizer *conservar-se* deve ser rigorosamente conservador?

Não sabia v. ex.ª aquelle annexim, do mel não ser para todas as boccas?...

E' de crer que v. ex.ª o soubesse; que, até eu o sei.

V. ex.ª, porém, não hesitou; e, por isso, permitta que lhe aperte a mão, pelas perigosas verdades contidas desde a 6.ª até á 50.ª linha da 1.ª columna da ultima pagina do supplemento n.º 3 da Revista de Cabo Verde, e que lhe diga o seguinte, levado por aquelle interesse que sempre me inspiram os homens ousados:

Meu ex.ª sr: — V. ex.ª talvez não tenha filhos nem mulher; tem, porém, a sua pessoa, cujo socego, cujas commodidades lhe devem, forçosamente, merecer certo numero de considerações e cuidados; v. ex.ª é empregado publico, isto é como eu, está atrellado; v. ex.ª tem que puchar, pois, como eu pucho; ora eu; talvez melhor que v. ex.ª conheço os perigos de tomar o freio nos dentes e largar á brida solta, ao sabor da veneta e ainda, aos cuces no carricoche fubnebre que tiramos; demais o sei eu, que tenho experimentado as desagradaveis caricias das tiras de couro animal sobre o meu pauperrimo couro humano.

Tenho-o sentido; e, ai, de mim, se d'esse mau setro me não tenho curado é que, evidentemente, obedeço á fatalidade de um destino qualquer.

V. ex.ª porem, tem ainda tempo de fugir a soffrimentos; gostei de ler aquellas suas 44 linhas; dão a medida dos sentimentos de v. ex.ª e; a mim, enchem-me as minbas; não quero, porem, a repetição de um prazer que tanto hade custar a v. ex.ª

Por isso, permitta lhe dê um conselho: Quando tiver verdades desagradaveis a dizer, desembuche-se ahi em qualquer canto, onde não tenham grande repercussão, as *doutrinas subversivas* que ameaçam atirar com v. ex.ª para as masmorras d'essa cidade.

E depois, o ridiculo?

A graça, essa arma predilecta dos gaiteiros furavidas defensores officiosos d'esta reles tipoia, que faz de carro Juggernaut ahi pelas lamacentas vielas da nossa politica?

V. ex.ª não teme a risota soez que entorta a bocca, arreganha as narinas e envieza os olhos d'esses fantoches que substanciam a graça, o chiste, o espirito, dentro d'esse quadro de Hogarth da nossa sociedade?

Ora se, como julgo, v. ex.ª de nada d'isso se arreceia, venha d'ahi, mais uma vez, esses ossos, permitta-me a expressão chula; que, mesmo neste meu chocareiro e desengraçado fallar, não perde nada da sua sinceridade a admiração pela coragem de v. ex.ª; porque, é ocioso dizer que lhe faço a justiça de acreditar que, v. ex.ª que assignou o que escreveu, é que sinceramente o sentiu: o que leva á conclusão de que os males da nossa nação lhe levantam n'alma essa grande onda de protesto que ameaça, (se lhe soprar um ventinho de feição), varrer esta praia da Gallé dos detricitos, durante tantos seculos, n'ella accumuladas.

No ultimo periodos dos seus *remedios* é que discorramos um pouco, eu e v. ex.ª:

«Não dar motivo a qualquer guerra com o gentio.»

Sim, senhor, Abundo na mesma opinião. Os nossos furiosos Orlandos é que tem levado a honra do exercito portuguez á vergonha de mais de um desastre na Guiné, sem que, para maior ignominia, o governo da metropole um unico passo tenha dado no empenho de vingar tantas affrontas.

Está: agora, por exemplos, governando a Guiné um dos muitos officiaes valentes que para ali teem ido, uns deixar a ossada por aquelles arzoaes, outros adquirir a triste convicção, — em presença da riqueza do paiz e da indiferença do governo em exploral-o, — de que, decididamente, estamos muito *cançados*.

Quando foi do desastre de 1891, esse official, foi, desacompanhado de forças, — porque se dizia estar vivo, prisioneiro de guerra, o commandante Carmo Azevedo, — procurar o infeliz commandante ao campo dos gentios, correndo perigo de pagar com a vida a sua generosa temeridade.

Ora, meu caro sr. Borlido, diga-me v. ex.^a, porque diabo é que esse official que, evidentemente, possui a heroica coragem dos nossos primeiros guerreiros e a abnegação das almas superiores; porque é que, esse homem, não se empenha no intuito de conseguir que a metropole mande 2 a 3.000 soldados do reino, disciplinados, aguerridos, varrer a ilha de Bissau d'aquella *papelada* que nos insulta e atraiçoa todos os dias, tirando ruídos e salutar desforço de tantas derrotas e carnificinas?

V. ex.^a não sabe? Tambem eu não sei.

O que eu sei, e o que v. ex.^a tambem, pelos meos não deve ignorar, é que, entre nós, o valor investido de mandos superiores, modifica-se.

Porventura, a cobardia do governo, toca-os e desprimora-os.

Contagio, vertigem ou condição imposta, o caso é que a eloquência dos factos não admite discussão.

Posto que, pois, eu seja um pouco da opinião de v. ex.^a sobre a leviandade de, sem rasão, aggreir o gentio, não deixo de pensar que, não só as vergonhas passadas devem ser implacavelmente vingadas, como os desastres futuros devem ser cuidadosamente prevenidos, por uma surra mestra, por uma occupação real, realisada d'um golpe de mão, com elementos que assegurem rapido resultado e não submettam o soldado europeu, por muito tempo, ao mortifero clima da Guiné.

A guerra com o gentio acoroçado pela nossa proverbial frouxidão, mas a guerra a valer, com muita e boa tropa, é uma necessidade urgente, exigida pela reconquista do nosso prestigio moral e pela efficacia da nossa occupação material.

Ou então, se não querem isso, é desnecessario sacrificar mais vidas e preparar mais opprobrios: abandonem aquillo á visinha França; ou, a pretexto de qualquer casorio real, deem-n'o, em dote, á comadre Inglaterra, herdeira universal de tudo quanto foi conquistado pelo genio e valor militar dos antigos barões assignalados.

«Castigar severamente toda a auctoridade que provoque a menor desordem com o gentio».

Tambem n'este ponto, com restricções, posso ir com v. ex.^a Conforme é a provocação.

A's vezes, a insolencia do gentio leva a muito. E, eu, de mim penso que, prudencia em aturar desaforos, pôde muito bem tocar as raiz da cobardia, e dar coragem para maiores desaforos.

Conforme é a provocação, pois, e as origens d'ella.

Castigar officiaes por serem injustos, ainda vá; mettel-os em conselho de guerra, porque repelliram insultos aos seus gallões, á sua auctoridade, á bandeira que defendem, é que me parece não muito assizado, nem muito de molde a desenvolver nas fileiras a dignidade militar.

«...O gentio apenas se retira d'um ponto para outro...»

Ora, veja lá: estava eu muito seriamente convencido de que nós é que temos, sempre, retirado, de um ponto para outro!...

Sempre suppoz que a Guiné é o terrivel açougue onde tantos e tão valorosos militares vão dar com a ossada, arrastados, umas vezes pela sovinnice do governo em não organizar expedições a valer, outras vezes pela vaidade d'alguns governadores que se não doem de atirar áquellas bordas de milhares de fêras, dúzias de heroicos doidos que por lá ficam, na eterna obscuridade dos heroes da Guiné.

«...Educar o negro por maneiras brandas».

A seu tempo, meu caro senhor, a seu tempo. Por enquanto, não.

Depois de nos fazermos temer, façamo'-nos amar; antes, é fazermo'-nos *comer*, com mais socego e menos trabalhos do que até aqui.

Depois de a espada destroçar, a cruz irá converter os animos abatidos, subjugados, domados pela consciencia da nossa força; então, e só então, poderão dar bom resultado escolas, missionarios, generosidades e tudo o mais que a civilisação d'um povo requêra.

O sr. Borlido tem, pois, rasão em tudo quanto disse, menos n'esses pontos que deixo rebatidos.

Tem muita rasão, tem muita sinceridade e, permitta-me repetil-o, tem muita coragem em dizer cousas que podem franzir olympicas sóbrancelhas e, d'um couce, atirar com v. ex.^a mais os seus bons desejos de regeneração da Patria, para casco de rolhas.

A questão colonial, como muito bem diz, liga-se directamente com a existencia politica da nossa nação.

— Quando, porém, Portugal estiver nas ultimas, não ha de cahir como Athenas, como v. ex.^a disse; ha de ser cousa muito mais feia; porque, não hade a velha patria de Nun'alvares, cahir a golpes d'espada, em duello honrado; porém, a pontapés, em despejo ignominioso; o que, deve v. ex.^a confessar, é muitissimo differente.

E por aqui me fico, meu ex.^{mo} senhor, lamentando não poder rogar a v. ex.^a me acompanhe por estes invios caminhos, onriçadas de desgostos, cortados de precipicios onde a gente, quando menos espera, pôde desaparecer; — bordados de traições e ciladas, minados de mil perigos; caminhos por onde tenho tomado e d'onde, á fé, não me arredarei, senão lá quando uma pedra desgalgada do *alto*, me arraste e leve a descaçar no seio d'aquella que segredava á alma dulcissima de Anthero aquelles admiraveis versos:

Em mim, os Soffrimentos que não saram,
Paixão, Duvida e Mal, se desvanecem.
As torrentes da Dor, que nunca param,
Como n'um mar, em mim desaparecem.

E. TAVARES.

COMEÇA O SAQUE!

Segundo noticiam jornaes estrangeiros e portuguezes, estamos em vespêras de um formidavel desmembramento colonial.

O immenso imperio descoberto e conquistado por aquelles extraordinarios portuguezes que assombraram o mundo com a homérica audacia dos seus commettimentos, vae ser retalhado pela desmedida ambição das nações do Norte.

O leopardo inglez e a aguia negra da Prussia tramam, nas labyrinthicas sombras da politica o roubo e o saque d'um povo pequeno e sem lorgas para se defender.

E' ignobil mas é verdade.

De modo que, todo esse sublimè trabalho dos philosophos para coroar a civilisação do seculo 19 com a purissima auréola da Justiça e da Verdade, cahe aos primeiros coices da ambição desapoderada e do latrocínio infrene, feição característica, propensão irresistivel, destino immutavel d'essas nações que procuraram abreviar os dias das pequenas nacionalidades para lhes larapear o espolio cubigado.

A politica passou para os dominios d'uma aperfeiçoada arte de furtar!

A força é que é o verdadeiro direito. O direito não passa d'uma bonita utopia, sonho de poetas, preocupação asnatia de visionarios!

E' ignobil mas é verdade.

E tudo isto dá-se á luz d'uma civilisação brilhantissima.

Fabricam-se documentos falsos com que provar prioridade de descobrimentos e occupações; inventam-se pretextos futeis que levem directamente, incisivamente, á posse violenta de propriedades alheias. E, n'este afan, a Justiça é posta de parte como má conselheira; o Direito é espezinhado, como réles obstaculo e a Verdade é desattendida como cousa supranumeraria, como rabujice intoleravel, como bagatella que nunca matou a fome a ninguém!

O sr. de Chamberlain, o propugnador da alliança angio-yankee, aponta ao mundo que caminha os povos que estacionam, que retrogradam, que, na sua opinião, realisam a contra-marcha do Progresso e que, tambem na opinião d'elle, é preciso eliminar.

E' a Hespanha vencida em uma lucta desigualissima a que a arremessou a criminosa imprevidencia dos seus governos; é a Italia, o bode expiatorio da triplíce alliança, a panella de barro que se encosta ás panellas de ferro para melhor resistir; é a Turquia vendada por Mahomet, enfraquecida pelos harens, é a sanguinaria Turquia dos assassinos da Armenia e de Creta, hermeticamente fechada ao progresso; é o velho Portugal de Vasco da Gama, de Nuno Alvares, de Albuquerque e Castros a desfazer-se já no estomago de Albion, e é, porventura, a França, a sublime França em cujo seio, ainda visão, ainda sonho, ainda idea, palpita o Messias da Perfeição Humana; essa França que molda a pratica da sua Justiça pela idealisação dos seus philosophos, que tambem é alvejada pelo dardo feroz da cubiça angio-germanica.

Porque a Inglaterra tem inveja da França. Inveja-lhe tudo, com uma cogueira que não deixa considerar que, tambem, tem muito. Inveja-lhe a Algeria, ella que tem o Cabo; inveja-lhe Hugo ella que tem Shakespeare, inveja-lhe o delicado Robespierre, ella que tem o pequenino Cromwel; inveja-lhe o riso de Voltaire, ella que tem a graça de Swift; inveja-lhe o champãgne, ella que tem o whisky; inveja-lhe Joanna d'Arc, ella que tem... Anna Bolena!

Quando muito lhe falta um Alexandre que faça *pendant* a Bonaparte, uma Athenas que rivalise com Paris e, na chronologia historica, uma aurora que arremede esse olympico amanhecer da Revolução!

Ha muito que a Inglaterra teria atacado a França se não fosse um recefo: os Estados Unidos.

Tel-a-hia atacado nas aventuras do Extremo Oriente, na conquista de Madagascar e em outras occasiões que têm fornecido pretexto para hostilidades.

Mas os Estados Unidos não eram sómente um celleiro: podiam ser, d'um momento para o outro, uma marinha e um exercito.

E os Estados Unidos tinham, a unil-os á França, os braços enlaçados de Washington e Lafayette.

Ahi é que estava o perigo.

Quando, porém, explodiu a guerra hispano-americana, a mãe de Pitt esfregou as mãos com satisfação e, calorosamente, tomou o partido dos Estados Unidos. Commoveu-se, adduziu razões de consanguinidade, fez protesto do seu amor áquelles cuja independencia quiz assassinar, ainda no berço, offerecendo bilhões de libras esterlinas; mostrou o punho fechado áquelles que se mettessem na Contenda, e, nos comicios, na imprensa, e nos infernaes laboratorios das chancellarias, prérgou, aconselhou e tramou a alliança com os americanos.—Estes, afinal, parece que cahiram na armadilha. E, cessada a causa do recefo, a Inglaterra atirou o sirdar Kitchener ao alto Nilo, como quem atira uma bomba incendiada para dentro d'um paiol.

Isto leva á conclusão que o plano concertado entre a Alemanha e a Inglaterra, não visa só a partilha da África portugueza; é uma guerra á raça latina: contra a peninsula hispanica que consubstancia toda a grandiosidade maritima do Passado; contra a Italia que concretisa toda a sublimidade artistica dos tempos idos; e contra a França, o fóco da Civilisação e a alma de todo o Ideal sonhado pelo homem.

Vae subir, pois, o panno.

O saque vae começar.

Pitt e Bismarck sorriem nas sombras do além tumulo.

E' deprimente a posição da Austria e dos Estados Unidos, levadas, talvez inconscientemente, a servir o odio allemão e a cubiça britannica; não é menos degradante a situação de Portugal e da Italia que alliadas dos vermelhos, cavam a sua propria ruina e auxiliam a hegemonia das raças teutonica e angio-saxã.

EUGENIO TAVARES.

Á REVISTA DE CABO VERDE

Ao descambar do seculo das luzes, e como que para não ficarmos envoltos nas trévas da ignorancia, — eis que se nos depára esta *Revista* — cuja publicação já se fazia demorada, não só pela sua utilidade, mas ainda pelas vantagens, que mais tarde a provincia de Cabo Verde, virá lucrar, tomando-se sempre (já se vê) por sustentavel divisa — o progresso e desenvolvimento d'ella.

Uma semelhante publicação, pois, persistindo unica e exclusivamente n'esse fito, viverá forçosamente prolongados annos, e abrirá mais uma pagina brilhante na nossa historia contemporanea.

Feliz ideia, — e benvinda seja ella pois, com todos os cortejos d'um porvir risonho na verêda arriscada, que acaba de ser traçada por um dos nossos mais sympathicos e talentosos patricios, — o qual, galgando impávido por sobre todos os tropeços que intencionalmente são, quasi sempre, levantados contra tão sublimes, quão uteis empresas — muitas vezes mesmo antes de nascerem, — alcançará o almejado *desideratum*, sendo desassombadamente auxiliado pelos seus compatriotas, na grande campanha por elle encetada.

Empunhemos todos, á porfia, a nossa penna, embora debil, manifestando com desassombro os nossos sentimentos, em reclame dos nossos sagrados direitos assaz vilipendiados; — pugnemos pelo bem estar e desenvolvimento da nossa provincia, fomentando o seu engrandecimento a que tem inquestionavel jus, — e, só assim, verémos em breve, vingada a sublime ideia manifestada n'esta *Revista*, com os seus floridos resultados.

Se olharmos attentamente para as cousas da pro-

víncia, encontraremos, a cada passo, muitos e variados assumptos de que lançar mão para largas discussões no vasto campo da imprensa.

E se a nossa penna não fosse assaz mediocre, tentariamos entrar arrojadamente nas lides propostas — com o animo sereno — e sem vislumbre de sentimentos apaixonados, — demonstrando á evidencia a má orientação de diversos ramos da nossa administração colonial, — e apontariamos por outro lado os meios de se combater o mal pela raiz.

Infelizmente fallece-nos a necessaria competencia para o fim proposto.

Mas, ... estamos que outras pennas muito mais abalisadas, decerto, se encarregarão agora de pôr em relêvo aquillo que nós, com pezar, sentimos não poder demonstrar em termos os mais convincentes.

Reservaremos, pois, para mais tarde, e ainda que em rudes phrases, apresentar algumas considerações ue nos suggerirem sobre alguns ramos d'administração publica da provincia, convictos de que, pelo menos, animados de bons desejos de querer acertar e ser util á nossa patria, — prestaremos assim algum serviço a ella, implorando desde já a indulgencia dos vossos amaveis leitores.

Por aqui ficamos hoje, saudando com vehemencia o apparecimento d'esta importante publicação, e agradecendo ao seu digno e intelligente director o convite immerecido que se dignou fazer-nos.

Boa-Vista.

S. A. FORTES.

IMPOSTO DO SELLO

As repetidas e instantes recommendações para a fiscalisação do imposto do sello e ainda a prespectiva do seu augmento, tem sido o assumpto das discussões e convergas a cada porta.

D'essas discussões e palestras ficaram-nos as impressões, que aqui reproduzimos.

Alguns dos que têm de applicar o sello, receiosos de lhes serem impostas as multas da lei e de cahirem nas armadilhas, que ella a cada passo encobre, collocam, na duvida, sellos a mais nos documentos, prejudicando-se a si proprios ou prejudicando terceiros.

Outros levantam a cada momento duvidas sobre se determinados documentos, estão ou não sujeitos á lei do sello, e lá vae mais uma consulta para a metropole, ficando de sobreaviso os que intervieram nos actos ou transacções sobre que versa a controversia.

E quando se levanta uma duvida e se quer esclarecê-la, consultando a lei, lá vae cahir-se n'um labyrintho de decretos e portarias explicativas, em que, perdendo-se o fio da questão, se perde, por completo, a paciencia.

N'uma das ultimas leis do sello dizia-se, que mais tarde se publicariam os respectivos regulamentos, que até hoje não appareceram.

Se ha lei que precise clareza é a do sello: além de ser um dos mais pezados impostos, a todos attinge nos mais pequenos actos da vida. Todos mais ou menos precisam de a conhecer e consultar em cada dia, e nem todos a podem comprehender.

Fazer leis d'esta ordem para um povo de que uma terça parte não comprehende o que lê, equivale a armar-lhe laços em que ha-de cahir a cada passo:

Se o ideal da lei do sello foi de duplicar a sua receita, pela forma como está feita, o fim conseguiu-se; e não vemos, por isso, necessidade alguma de elevar

ainda mais as suas taxas, como parece ser intento do governo da metropole.

Cidade da Praia.

X.

OS PAROCHOS DE CABO VERDE

O decreto de 22 de junho de 1898 que conferiu aos governadores das Provincias Ultramarinas a faculdade de proverem os empregos publicos cujos vencimentos não excedam a 500\$000 réis, assignala uma profunda mudança de circumstancias desde que pelo decreto de 1 de dezembro de 1869 foi conferida aos governadores a faculdade de proverem os empregos cujos vencimentos annuaes não excedessem a 300\$000 réis; e consigna a subsistencia dos motivos que no relatorio d'aquelle decreto se allegavam como determinativos de tal providencia que assim tem de ser harmonisada com as actuaes condições de vida nas Provincias Ultramarinas e com a correspondente depreciação da moeda.

E' precaria a situação dos Parochos de Cabo-Verde, sendo muito modica a congrua a elles arbitrada no orçamento provincial. E' certo que as leis actuaes os sobrecarregam com muitos encargos e não ha lei que, ao mesmo tempo que impõe obrigações, não imponha uma avultada multa aos remissos. Ora era de justiça que no meio de tantos encargos e responsabilidades se elevasse a congrua aos mesmos parochos, como reconhecimento e recompensa pelos serviços que esta classe prestimosa presta á religião e ao estado.

Vemos que os reverendos parochos missionarios, n'esta parte, estão em melhor situação e tem muitas outras vantagens, como as que lhes confere o decreto de 6 de dezembro de 1884, quando é certo que aos parochos de Cabo Verde que não estão áquem d'aquelles não se reconhece nenhuma vantagem e tem de continuar condemnados ao ostracismo como entidades nullas que ao termo de uma vida cheia de trabalhos e tribulações terão como galardão o desprezo e abandono e por unica esperanza a cruz!

S. Antão.

M. M.

CONTRIBUIÇÃO DE RENDA DE CASAS

Como já dissemos n'outra parte é sempre inconvenientissima a adoptação das leis do Reino ao ultramar, sem se lhe introduzirem as alterações que a indole, os costumes e o gráo de adiantamento dos povos que o habitam indicaram.

Entre outras leis que se tem tornado extensivas ao ultramar, veio a da contribuição de renda de casas, aggraver a situação dos seus habitantes. Essa lei vexatoria pela forma como foi mandada adoptar e executar em Cabo Verde, é de difficil execução por parte do pessoal do fisco, como a experiencia já tem demonstrado no grande numero de annullações, que annualmente tem baixa por completa impossibilidade de cobrança de uma boa parte do tal imposto.

E não admira que esta contribuição se não adoptasse bem a Cabo Verde, sabendo-se que, em geral, quando se pretende tornar extensiva qualquer lei ao ultramar ou se promulga, sem mais alterações, como está feita para o Reino, ou se mandam ouvir as auctoridades locais, que se limitam, como expediente menos trabalhoso, a copiar as leis da metropole, com insignificantes alterações, que nada influem na sua essencia, e a mandal-as assim á sancção superior.

Ja em 1886 se tentara introduzir na provincia a contribuição sobre renda de casas, chegando mesmo a

publicar-se o respectivo regulamento, mas havendo, quem então governava a provincia, mostrado a inconveniencia de tal medida, foi mandada suspender a sua execução por Portaria Regia de 17 de fevereiro d'aquelle anno, com o fundamento de que as circumstancias economicas de Cabo Verde se tinham aggravado consideravelmente, não convindo molestar os seus habitantes com a cobrança d'aquelle novo imposto.

Ora essas circumstancias não melhoraram, pois que as crises alimenticias se succederam periodicamente. Apesar d'isso, porém, a cobrança do referido imposto foi mandada executar em dezembro de 1895.

A população, em geral, do archipelago é pobre e vive com difficuldades. Uma boa parte habita em palhoças, construidas de pedra solta e cobertas de colmo. A mobilia não abunda e, muitas vezes, reduzem-se a uma esteira para dormir, uma caixa e uns poucos utensilios de cozinha. Nos povoados a classe pouco differe do que acima descrevemos.

As rendas são mensaes e não ha arrendamentos nem os pôde haver, porque os inquilinos são nomados e ora estão n'uma ora n'outra casa; e quando pretendam saber levam debaixo do braço a esteira e a trouxa da roupa, deixando a chave na fechadura, quando ainda a não levam como lembrança!

Não prestam declarações e o proprietario que as tem de dar no fim do anno, apresenta uma lista com vinte e quatro inquilinos!

Quando chega a epocha do pagamento da contribuição metade dos contribuintes não pagam; são relaxados, seguem as execuções e começa a correria em procura dos inquilinos. Uma parte não se encontra nem consta onde pára; á outra não acham que penhorar!

O aluguer das habitações é aqui mais elevado do que no Reino; e o das pequenas casas, a que me refiro, regula 800 a 1200 réis por mez.

Diz o regulamento da contribuição de renda de casas que são d'ella isentos os predios, quando no valor collectavel sobre que haja de recahir a contribuição não corresponder imposto superior a 100 réis.

Mas como o minimo das rendas aqui é de 700 a 800 réis por mez, segue-se que o valor collectavel annual, sobre que recabe a contribuição é sempre superior e nunca inferior a 100 réis, não havendo, por isso, isenções.

Attendendo, pois, a estas circumstancias, ao preço elevado do aluguer de habitações e ás condições especiaes da população do archipelago, a contribuição de renda de casas, devia ter uma menor percentagem e as isenções deveriam comprehender o valor collectavel quando a contribuição não comprehendesse imposto superior a 500 réis.

Foi a isto que se não attendeu quando se formulou o respectivo regulamento, tendo-se em vista só o que estava decretado para o Reino, onde as rendas são menores e as condições de vida são diversas.

Ainda seria, porém, tempo de remediar o mal, estudando o assumpto e alterando o regulamento.

Praia.

A.

CULTURAS

O Governo está todos os annos, ha algum tempo a esta parte, abrindo trabalhos nas diferentes ilhas verdes para soccorrer necessitados fornecidos á caridade official pelas estiaagens.

E esses trabalhos, por uteis que sejam (ou hajam sido) alguns d'elles, têm a meu vêr um grandissimo

defeito:— *combaterem os efeitos e não as causas.*— Devia ser o contrario

Sabido é de todos, que o atrazo agricola da nossa provincia é proveniente da falta de chuvas; e diz a Sciencia, que ha meios efficazes de sanar tão grande mal.

A arborisação em larguissima escala, eis a chave do enygma. Nos paizes nemorosos são regulares as chuvas. As arvores, melhorando as condições meteorologicas, vão beneficiar o solo, e são além d'isso um penhor de riqueza publica. A celebridade dos Phenicios proveiu dos sagrados cedros do Libano, os bosques da Scandinavia fizeram cahir o maior imperio do mundo, as florestas tão poeticas da America do Norte lá estão contribuindo para enriquecer esse grande paiz, e os allemães veneram o formoso berço do seu decantado Danubio, a bem conhecida *Schwarz Wald*.

Não fomos brindados por Deus com providentes florestas, e o viajante, que contempla a maior parte dos nossos campos, sente-se invadido por um sentimento de melancolia.

Em algumas ilhas sobretudo, como a Bôavista, parece que passou por algumas partes um anjo exterminador. A aridez é horrivel! Sahara pequeno. Em taes condições, as chuvas nunca deixarão de ser escassas. Succeder-se-hão as crises. O povo tornar-se-ha cada vez mais desgraçado. As execuções acabarão em seguida por tirar-lhe a ultima canisa. A fome reinará.

Portanto, o que é preciso fazer, lá o diz o velho thema, é combater as causas para que possam cessar os efeitos.

Abra o Governo trabalhos de arborisação em larga escala pelas diversas ilhas, havendo previa inspecção de terrenos e escolha de especies arboreas. E, como isso não é cousa que se possa concluir em pouco tempo, destine-se todos os annos uma verba fixa a esse sublime fim. Os resultados serão brilhantes — uma vez trabalhados criteriosamente esses serviços — e o povo virá a pagal-os sem gravame.

Emquanto o Governo procede a essas diligencias, devem ser obrigados os donos das propriedades, ou os emphyteutas, a fazerem o mesmo nas suas terras, creando-se uma lei agraria especial, que regule o assumpto. A exploração de nascentes e o amanho das terras são satellites d'um tão auspicioso intuito. Não podem, pois, ser postos de parte.

Estou convencido de que por este systema se poderá conseguir alguma cousa em materia de melhoramento das condições meteorologicas do archipelago, porque sabe toda a gente que a arborisação é um poderoso meio imbrifero.

Podia-se começar tão abençoada campanha ha mais tempo; mas o Governo dorme, (não é caso para se dizer que á sombra dos seus louros) dorme demasiadamente, e a falta d'um jornal tem sido para nós um mal enorme.

Ainda ha pouco s. ex.^a o sr. conselheiro Lacerda, que ora nos governa, animado sem duvida dos melhores desejos de favorecer a arborisação, mandou plantar *tarefas* em larga escala nas diferentes ilhas, destinando para esse fim parte das verbas destinadas a trabalhos de soccorro. Com quanto eu não seja radicalmente contrario á plantação do citado arbusto, apresento a S. Ex.^a o inconveniente que elle tem, dizem, d'esterilisar os terrenos, e necessidade de seguir no caminho traçado, porém mandando proceder á cultura d'especies arboreas mais uteis que o *tarefa*. Se S. Ex.^a abrir estrada em tão util trabalho, prestará á sua provincia o mais importante serviço.

E' certo, que os terrenos onde se desenvolve o ta-

rafe são em geral salitrosos. E essa planta, diz-se, é para o solo peor inimigo que o escalracho. Ora, sabido é que o escalracho é o pezadello dos lavradores (excepto na Boavista onde as suas succulentas raizes, nas secças, são a garantia de muitas cabeças de gado).

Entre as plantações, que podem ser de maior utilidade para a provincia, attento o auxilio que tem trazido à classe proletaria, avulta a da purgueira. A este respeito, porém, tanto se tem dito e escripto, que é superfluo fazer mais commentarios.

Bom será também, que se ensaie a aclimação de certas especies, que constituem a riqueza da nossa Africa. A creação de seminarios seria o primeiro passo a dar-se. Depois, experimentar os resultados da borraça, do coconote, etc., seguindo-se em tudo os conselhos dos technicos, préviamente ouvidos, e encomendando sementes aos nossos representantes nas diversas partes do globo. Este ultimo alvitre já foi regulado por um officio recebido do Ministerio do Ultramar em tempos do governo do actual visconde de Serpa Pinto, se me não traze a memoria.

Infelizmente, porém, não têm passado do papel todas as opiniões, aliás esperançosas, que acerca de tão importante assumpto hão dimanado de cima. Mas pede a justiça que se diga, que os compatriotas são também muito culpados do atraso a que chegamos. Estão convencido, até, de que um despotismo justo nos aprovetaria muito.

Precisamos de ser esporeados para caminharmos melhor.

E dizendo isto estou d'aqui a vêr, que alguns com patriotas me vão chamar petroleiro!...

Mas é verdade. Como, porém, extirpar o cancro sem ferir?

Tenhamos paciencia, que somos tão culpados nas nossas herdades como o governo nos baldios! E, se estamos aqui, é advogando os interesses da nossa terra, para o que lhe louvaremos as virtudes e censuraremos os erros.

Creio ter lido no órgão do governo, que está n'esta provincia o sr. Francisco Newton. Foi uma nota que me souo afinada, porque esse cavalheiro é um naturalista, se me não engano.

Eis aqui uma occasião que o governo podia aproveitar para pôr em acção os conhecimentos d'esse cavalheiro em ordem a arborisar o archipelago.

Creio, que também temos um agronomo. Pois bem. Este funcionario, pôde ser util à provincia, uma vez que proceda não só aos mesmos estudos mas também a trabalhos tendentes a melhorar as nossas condições agricolas, determinando, por exemplo, a origem do parasita da canna sacharina e o modo de o destruir, etc. D'outro modo, não sei para que serve o cargo de agronomo. D'outro modo, não vemos o resultado, que poderíamos tirar d'uma aliáz utilissima sciencia, que é a agronomia. A verdade é esta.

Deixo aqui estes, alvitres, para os quaes chamo a attenção do Governo e dos proprietarios da nossa terra.

A cultura do coqueiro é também muito recommendavel, especialmente para o Sal, Boa-Vista e Maio. No Pomoutou ha um pé de coqueiro por cada habitante, segundo Bordier. Poderíamos fazer o mesmo. E não é demais.

Mas... além de mal governados, não temos nem a educação do trabalho, nem o espirito das cooperativas, nem a coragem dos grandes commettimentos. Ora, ou nos emendamos, ou morreremos sem nunca termos vivido...

JOSÉ LOPES DA SILVA.

RESENHA NOTICIOSA

S. VICENTE

No dia 3 de abril teve logar na Estação Telegraphica d'esta ilha, o esplendido e deslumbrante baile annual, que é costume dar-se ali.

Entre estrangeiros e nacionaes contamos perto de 200 pessoas.

O serviço, profusamente feito, era tudo o que ha de magnifico.

A recepção, não podia ser mais captivante e amavel, sendo dirigida por Mr. Foy e sua Ex.^{ma} esposa.

Assistiu S. Ex.^a o Governador, sua Ex.^{ma} esposa e toda a elite Mindellense.

O baile durou até ás cinco horas da manha, correndo sempre animado.

Tomou posse do cargo de administrador d'este concelho, o sr. Mourão Botelho de Magalhães, nomeado ha pouco para aquelle cargo.

Vae fundar-se na cidade do Mindello, uma Associação Commercial, cujos Estatutos vão ser submettidos á approvação do Governo.

Paul—Santo Antão—E' nosso obsequioso correspondente ali, o Ex.^{mo} Sr. Antonio Simas Vera Cruz.

CIDADE DA PRAIA

Foi á ilha do Maio, em visita áquella parte do concelho da Praia, o respectivo administrador sr. Francisco de Castro, que regressou a 7 do corrente mez.

— Pegou na cidade a moda do cyclismo. Muitos rapazes correm as ruas e praças de tarde em bycicletas de varias formas e feitios.

— Adoeceu com uma angina não podendo seguir a 18 para a ilha da Boa Vista, o facultativo sr. Costa Martins, para onde partirá na primeira oportunidade.

— Continuam as obras do melhoramento do 1.^o lanço da estrada que segue da cidade da Praia para o interior da Ilha. Plantam se ali arvores. Oxalá que as não deixem secçar.

— Seguiu da ilha Brava para o Tarrafal de S. Thiago o naturalista sr. Francisco Newton. Consta-nos que na ilha do Fogo fez a ascensão ao vulcão. Aguardamos a publicação do respectivo relatorio que deve ser interessante.

— Segue para a ilha do Fogo a tomar conta da repartição de fazenda concelhia o sr. David de Mendonça, 2.^o escripturario.

— Houve uma soirée no Club, no dia 1 de abril, que esteve muito concorrida e animado.

— No dia 29 de março foi o viatico á cadeia civil, sendo acompanhado por uma força de artilheria, pessoal judicial e outros funcionarios e militares. Houve melhoria de rancho aos presos.

— Abriu no dia 1.^o de abril um novo restaurante, na rua do Lacerda, de que é proprietario o sr. Antonio Medina.

—Vão adelantadas as obras de melhoramento no quartel de artilheria.

—Vae ser rendido o destacamento da ilha de S. Vicente, seguindo para ali o tenente sr. Mendonça Santos.

—Teve logar, com a costumada pompa, a festividade da Semana Santa. Tocou na quinta feira santa na igreja matriz a *Tuna Praiense*.

— Seguem para Lishoa em goso de licença os srs. Alvaro de Fornellas, José Joaquim Vaz e Borlido Martins.

— No dia 9 teve logar uma sympathica festa no Theatro Africano. Foi uma recita a beneficio do *Instituto Infante D. Afonso*.

O theatro estava com goso e vistosamente adornado. Subiram á scena as seguintes comedias: *Choro ou rio* pela ex.^{ma} sr.^a D. Virginia Chaves e pelos srs. E. Chaves e Antonio de Arteaga; *O tio padre* pela ex.^{ma} sr.^a D. Maria Santos e pelos srs. A. Sarmento, E. Ventura e A. Beirão; *O galucho* cançoneta comica pelo sr. Veriato da Fonseca.

O desempenho foi excellento. Tocou nos intervallos a *Tuna Praiense* o seguinte: *O toga*, marcha; *A caravana*, marcha; um trecho da *Norma*; *Primo Bacio*, walsa; *Mercedes*, polka; *Serenata de Schubert*; e *A Santa Cecilia*, marcha.

Foi muito applaudida, como de costume, a *Tuna*. O theatro teve uma enchente.

XIMENES.